

ELES MERECEM

1232
RUBEM BRAGA

Há muito se diz que a fê remove montanhas. Mas o nosso problema não chega a ser uma verdadeira montanha: é um morrinho. Estamos conspirando surdamente para dar à nossa cidade dois grupos escolares. Deixo essa historia para contar depois; por enquanto direi que o dr. Anísio Ramos disse que queria dar um terreno. Fomos à sua bela casa, no alto do morro, e saímos com ele para ver onde podia ser. O terreno é ótimo, na extremidade oeste da cidade, na margem sul do rio. O primeiro problema, entretanto, era este: derrubar aquele morrinho, aplinar o terreno.

Ora, não há nada mais fácil, quando se dispõe de máquina apropriada. A professora Zilma Coelho Pinto apelou para um lado e outro, mas não arranjou a máquina. O Governo do Estado dispôs-se a emprestar uma, mas o transporte ficaria muito caro. Eu aqui no Rio mexendo as coisas, Zilma lá em Cachoeiro escrevendo-me que estava muito triste, não arrumava mesmo um trator, como é que vamos fazer? Nós com a esplendida boa vontade do dr. Anísio e também dos homens que vão doar as casas — e aquele morrinho atrapalhando. Afinal recebo uma carta:

“Tem chovido torrencialmente. A terra está macia. Quando não havia essas máquinas a coisa era feita com pás e picaretas. Apelar para uns homens de boa vontade, arranjar umas ferramentas... Eu estava pensando nisso, mas muito desanimada. A gente cansa de pedir as coisas. Mas ontem eu cheguei em casa e recebi uma carta. Era do professor Alvías Martins de Athaide, que promoveu uma subscrição entre os alunos da Escola Normal do Instituto LaPayette, aí no Rio, e me mandava um cheque de 1.350 cruzeiros e ainda prometia mandar material didático e medicamentos. Você não imagina como isso me comoveu. Pensei assim: se a Campanha merece esse apoio espontâneo vindo de longe, então eu não tenho direito de desanimar diante de nada.

“Para encurtar conversa: pedi ferramentas a varias pessoas, subi no “jeep” do sr. Nelson Prates e arrecadei onze pás e picaretas. Cheguei lá na Cachoeira Grande com dois alunos da Campanha, que logo toparam trabalhar. Logo vieram chegando outros. Vieram uns de Morro Grande. Houve um que andou três leguas para vir cumprir a promessa que me tinha feito de ajudar quando eu precisasse. Veio, pegou na picareta e trabalhou com os outros até o sol se esconder. Aquele morrinho junto da arvore (lembra-se?) já não existe mais. Estou chegando de lá e esse primeiro dia de trabalho adiantou muito. As mulheres das redondezas disseram-me que vão pôr seus homens em brios para eles ajudarem também, pois o lugar precisa de escola. Você devia ver aqueles homens trabalhando — uns operários e outros homens de roça, trabalhando de graça, e com mais ligeireza e energia do que se estivessem fazendo um serviço bem pago. Essas coisas é que animam a gente.”

Assim me escreve a professora Zilma Coelho Pinto, presidente da Campanha de Alfabetização e Assistência Social, rua 25 de Março, 88, Cachoeiro de Itapemirim, Estado do Espírito Santo. Seus cursos agora são em numero de 31. Para o ano, quer mais e melhores. Precisa de brindes para distribuir na festa do encerramento dos cursos, no mês que vem. Quem quiser mandar que mande: aqueles homens rudes, de picareta e pá na mão, aqueles homens merecem.

11. 11. 49

269